

A TEOLOGIA DA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Jonathas Lopes Pereira*

Valtair Afonso Miranda**

RESUMO

O presente artigo visa apresentar, através da análise dos escritos de seus fundadores, um olhar sobre a teologia do movimento de Renovação Espiritual, surgido na década de 1960 entre as igrejas batistas brasileiras. Com forte ênfase na experiência do batismo com o Espírito Santo e outros princípios ligados ao pentecostalismo, este movimento interno na denominação resultou na primeira cisão doutrinária da Convenção Batista Brasileira, em 1965. Nesta análise da teologia do movimento da Renovação Espiritual, destaca-se a forte influência do ambiente vital da época na elaboração destes pressupostos renovacionistas. A teologia deste movimento pode ser encontrada em sua melhor forma em duas principais obras produzidas pelos seus pioneiros: Calvário e Pentecoste, de José Rego do Nascimento, e Batismo com o Espírito Santo, de Enéas Tognini.

PALAVRAS CHAVES: Renovação Espiritual, Batistas, Batismo no Espírito Santo, Pentecostalismo.

ABSTRACT

This article aims to present, through the analysis of the writings of its founders, a look at the theology of the Spiritual Renewal movement, which emerged in the 1960s among Brazilian Baptist churches. With a strong emphasis on the experience of the baptism with the Holy Spirit and other principles linked to Pentecostalism, this internal movement in the denomination resulted in the first doctrinal split of the Brazilian Baptist Convention, in 1965. In this analysis of the theology of the Spiritual Renewal movement, the emphasis is on strong influence of the vital environment of the time in the elaboration of these renovationist assumptions. The theology of this movement can be found in its best form in two main works produced by its pioneers: Calvário e Pentecoste, by José Rego do Nascimento, and Baptism with the Holy Spirit, by Enéas Tognini.

KEYWORDS: Spiritual Renewal, Baptists, Baptism in the Holy Spirit, Pentecostalism.

* Mestrando em Filosofia e Ensino (CEFET-RJ). Bacharel em Teologia (STBSB). Licenciado em História (UVA). Pós-graduado em MBA em Gestão Estratégica de Pessoas (UCAM). Funcionário do Centro Cultural Banco do Brasil RJ na área de Administração e Patrimônio. Professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

** Graduado em História (Universo), Doutorado em História (UFRJ), Doutorado em Ciências da Religião (UMESP), Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF).

INTRODUÇÃO

Os batistas no Brasil possuem duas experiências de destaque com o carismatismo ao longo da sua história. A primeira, no início da segunda década do século XX, deu origem a maior denominação pentecostal do país, a Assembleia de Deus. Sobre este movimento muito se tem discutido, em parte, pelos próprios assembleianos, mas também por círculos acadêmicos interessados na presença pentecostal cada vez maior na sociedade brasileira.

A segunda experiência, que surgiu nos fins da década de 1950 e ficou conhecida como Movimento da Renovação Espiritual, de caráter cisório, que causou muita polêmica na estrutura oficial da denominação, diferente da primeira experiência que se restringiu a divisão de uma igreja local. A ruptura de 1965 deu origem ao segundo maior grupo de batistas no Brasil, reunidos sob a Convenção Batista Nacional. Sobre esta última experiência pouco se discutiu, dado as fissuras ainda aparentes na memória recente de ambos os grupos.

O AMBIENTE VITAL DO MOVIMENTO DA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Assim como numa boa exegese é indispensável o conhecimento do ambiente vital do texto bíblico, para a análise de um fato histórico é importante conhecer o ambiente em que este ocorreu e a mentalidade que envolvia a sua época, como também os seus agentes históricos. Para a melhor compreensão da teologia do Movimento da Renovação Espiritual, cabe-nos reconhecer o seu ambiente vital na história do protestantismo no Brasil.

A ascendência histórica e teológica do pentecostalismo no Brasil começa nos Estados Unidos com o movimento de santidade, herdeiro da teologia wesleyana, que distinguia a santificação como uma segunda obra da graça, distinta da justificação. O pregador Charles Pahrman, expoente deste movimento, pregava que o falar em línguas era uma das evidências que acompanhavam o batismo do Espírito Santo. O discípulo de Pahrman foi Willian Seymour, que a partir desta concepção do batismo do Espírito Santo como uma benção posterior, além da santificação e diferente da justificação, deu o início formal do que ficou conhecido como pentecostalismo¹. Para Ricardo Mariano, o pentecostalismo é um movimento norte-americano, descendente da teologia wesleyana e do movimento de santidade, que se diferencia do protestantismo histórico por confessar a contemporaneidade dos dons espirituais, principalmente o falar em línguas estranhas e curas divinas.²

O sociólogo Paul Freston, estudioso do protestantismo no Brasil, periodizou o movimento pentecostal no solo brasileiro em três grandes fases, das quais ele intitulou como ondas de implantação. A primeira onda é a da década de 1910, com a fundação da Congregação Cristã e das Assembleias de Deus. A segunda onda, na década de 1950 e 1960, de fragmentação do campo pentecostal com o surgimento da Igreja Quadrangular, Igreja O Brasil para Cristo e Igreja Deus é Amor. A terceira onda aconteceu no final da década de 1970 e início dos anos 1980, com a Igreja Universal, Internacional da Graça e outras.³

A primeira onda classificada como pentecostalismo clássico caracteriza-se pelo anticatolicismo (muito próprio do protestantismo brasileiro), a ênfase no dom de línguas como evidência do batismo do Espírito Santo (influência direta do movimento de Los Angeles) e a mensagem da volta iminente de Cristo (escatologia dispensacionalista). A segunda onda é marcada pelo uso do rádio na evangelização (rejeitado pelo pentecostalismo clássico por ser considerado mundano) e a sua ênfase é o dom de curas divinas⁴.

¹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p.47

² MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2012, p.10

³ Op. Cit., p.28-29

⁴ Ibid., p.29-30

A ênfase em curas divinas atraiu não só fieis de outras confissões, mas conseguiu atingir as camadas mais pobres da população. O Brasil da década de 1950 experimentava as transformações sociais causadas pelo processo de industrialização tardia empreendido pela Era Vargas, com a modernização das cidades, instalações das indústrias de base e de bens de consumo e a chegada das grandes indústrias multinacionais. As Igrejas desta segunda onda surgem em São Paulo, que nesta fase é o destino do fluxo migratório dos nordestinos, que em busca de “ganhar a vida”, tornaram-se a mão de obra deste processo de crescimento⁵.

Sobre a diferenciação da segunda fase do pentecostalismo em relação a primeira, Mariano estabelece a seguinte conceituação:

Justifica-se, assim, a divisão das duas primeiras ondas pentecostais pelo critério do corte histórico-institucional, mas não pela existência de diferenças teológicas significativas entre ambas. Tendo em conta que a segunda mantém o núcleo teológico do pentecostalismo clássico, mas se estabelece quarenta anos depois e com distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias próprias, optamos por nomeá-la de deuteropentecostalismo. O radical deuteropentecostalismo significa segundo ou segunda vez, sentido que torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal.⁶

Num contexto de crescimento e pentecostalização do protestantismo brasileiro, as igrejas do denominacionalismo histórico experimentaram cisões e rupturas a partir da década de 1960, motivadas por questões pentecostais. Surgiu dentro das denominações históricas movimentos que se proclamavam “renovados” e que defendiam a contemporaneidade dos dons espirituais. Mariano afirma que estas igrejas, intituladas como “renovadas”, são dissidentes do denominacionalismo histórico por adotarem a teologia das igrejas pentecostais, além das inovações teológicas de seus líderes.⁷

Henrique Ribeiro de Araújo ressalta que nos anos de 1950 a 1970 a presença de três movimentos de perspectiva renovada no cenário religioso brasileiro: a segunda onda pentecostal, a renovação espiritual com as igrejas históricas e o movimento carismático católico. Araújo considera que estes três movimentos às vezes se encontram e se interpenetram durante algum momento de suas jornadas. O autor afirma que a segunda onda de implantação do pentecostalismo não só originou novas igrejas pentecostais, mas resvalou seus fragmentos nas Igrejas históricas.⁸

Além da experiência batista de renovação espiritual, os presbiterianos vivenciaram a cisão na Igreja Presbiteriana Independente, originando a Igreja Presbiteriana Renovada em 1973. Os metodistas viram surgir a Igreja Metodista Wesleyana, em 1967. Na Igreja Congregacional o ocorrido foi em 1967. A divisão em uma Igreja Presbiteriana no estado do Espírito Santo deu origem a Igreja Cristã Maranata, também fruto do movimento pentecostal no denominacionalismo histórico.⁹ O Dicionário do Movimento Pentecostal descreve esse processo de cisões renovacionistas deste modo:

Presbiterianos, batistas, congregacionais, episcopais, enfim, todas as denominações estavam convivendo com grupos ávidos por oração, pela busca de experiências mais profundas com o Espírito Santo. Esse avivamento era gerado também por uma insatisfação pessoal, pelo comodismo ou por falta de poder espiritual. Naturalmente, essa nova época na igreja evangélica brasileira gerou crises. Surgiram, então, os

⁵ Ibid., p.30

⁶ Ibid., p.32

⁷ Ibid., p.48

⁸ ARAÚJO, Henrique Ribeiro de. **História da Teologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Teologia Contemporânea Editora, 2016, p.181

⁹ Ibid., p.182-183

batistas renovados, os metodistas wesleyanos, os presbiterianos renovados e vários outros com convenções próprias.¹⁰

Mariano concluiu que a contínua pentecostalização dos setores do protestantismo histórico, iniciada na década de 1960, é um dos fatores que contribuiu para o acelerado crescimento do pentecostalismo no Brasil. Para subsidiar essa conclusão, Mariano analisou os dados dos censos demográficos de 1980 e 1990, em que as denominações históricas deixaram ser a maior fração do protestantismo ao longo de uma década, superados pelos pentecostais, que apresentaram expressivo crescimento diante da estagnação das denominações históricas.¹¹

A MENSAGEM DA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Rosalee Mils Appleby é reconhecida pelos líderes da Renovação Espiritual como a pioneira deste movimento. A missionária norte-americana foi quem difundiu pelas igrejas batistas e outras denominações a mensagem de um avivamento. Os folhetos de *Vida Vitoriosa* e as suas diversas publicações de cunho devocional registram o que Rosalee Appleby entendia como avivamento. Em um desses folhetos, reunidos no livro *O Preço do Poder*, ela afirma:

Neste nosso dia, é por uma visitação bíblica, do Espírito Santo, canalizada pelas igrejas de Cristo. O supremo anelo. E essa visitação que é uma necessidade primordial. A felicidade futura do Brasil depende desta vitória. O peso de intercessão em prol de um avivamento tem sido colocado sobre milhares.¹²

Essa mensagem sobre avivamento envolvia uma forte chamada a vida de consagração dos crentes, por meio de contínua oração e busca pelo poder do Espírito Santo, como um revestimento para a realização da obra de evangelização e a total rejeição aos comportamentos considerados mundanos e pecaminosos. Logo, avivamento na definição de Appleby é a manifestação do poder e glória de Deus na vida dos salvos, e a falta deste poder do Espírito Santo manifestado nos crentes é fruto de uma vida mundana e consequentemente a razão para o fracasso na evangelização do país.¹³

Eneás Tognini expressou de forma clara que o objetivo principal do Movimento de Renovação Espiritual “é uma mensagem bíblica no poder do Espírito para sacudir as Igrejas que existem, mas que dormem embaladas pelo comodismo e inatividade.”¹⁴ De acordo com Tognini, o movimento não objetivava criar uma nova denominação ou frente para-eclesialística de evangelização, mas sim renovar as estruturas denominacionais históricas através dessa experiência do batismo com o Espírito Santo.¹⁵

Como os pioneiros da Renovação Espiritual entendiam e explicavam o batismo com o Espírito Santo, este que é o elemento primordial na mensagem teológica do movimento? A melhor forma de responder à questão é analisar as publicações de José Rego do Nascimento e Eneás Tognini, salientando os pontos principais da argumentação teológica desses pastores.

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

José Rego do Nascimento estabeleceu uma relação entre regeneração e o batismo com o Espírito Santo. Para ele, o batismo com o Espírito Santo é uma experiência independente de regeneração, significando a purificação do crente e o revestimento de poder para o serviço, com

¹⁰ IGREJAS RENOVADAS. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Org. Israel de Araújo. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p.382

¹¹ MARIANO, Ricardo. Op. cit., p.10-12

¹² APPLEBY, Rosalee M. *O Preço do Poder*. São Paulo: Renovação Espiritual, 1964, p.44

¹³ Ibid., p.84

¹⁴ TOGNINI, Eneás. *História dos Batistas Nacionais*. 2. ed. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993, p.137

¹⁵ Ibid., p.137

isso estabelece uma relação de precedência: a regeneração é uma experiência primária e inicial para a recepção do batismo com o Espírito Santo. Uma bênção para regenerados e somente para regenerados.¹⁶ Rego do Nascimento diferencia regeneração e o batismo com o Espírito Santo nos seguintes termos:

Na regeneração o pecador recebe o Espírito, penhor da sua salvação; no batismo com o Espírito Santo o salvo é inteiramente possuído pelo Espírito e conhece do seu revestimento. O batismo com o Espírito Santo não está ligado à regeneração mais à santificação da vida e revestimento de poder para o serviço. (...) Concluímos que batismo com o Espírito Santo, purificação do coração e revestimento de poder, constituem experiência única. Não podem ser dissociados. Enquanto regeneração está intimamente ligada ao perdão, ao cancelamento da culpa condenatória que pesava sobre o homem e a adoção ou a identificação do salvo no reino de Deus, no corpo de Cristo, tomando como metáfora da sua Igreja.¹⁷

Para Rego do Nascimento, unificar numa única experiência a regeneração e o batismo com o Espírito Santo é uma invenção humana, que traz consequências trágicas para o crente, que perde o estímulo para a busca da bênção do Espírito.¹⁸ Para ele, se essa premissa da experiência única de regeneração e batismo com o Espírito Santo fosse verdadeira, precisaria distinguir exatamente quando ocorreria essa recepção do Espírito Santo: ou no convencimento do pecado, ou na regeneração ou na posse do Espírito sobre o crente. Rego do Nascimento faz uma distinção entre essas fases de atuação do Espírito na vida do pecador e concluiu que a única possibilidade do batismo com o Espírito Santo ocorrer é na última fase, de posse e plenitude do Espírito sobre o crente.¹⁹ Ele assim define:

A primeira ação do Espírito é levar o pecador a reconhecer o seu pecado e se apropriar, pela fé, do perdão em Cristo Jesus. Ora, desde o momento em que começou a ação graciosa do Espírito, é correto dizer-se que o pecador tem com ele o Espírito. Uma vez regenerado, não se infere daí que o Espírito Santo apossou-se do espírito, alma e corpo, ou seja, do homem total, à revelia da sua vontade. O Espírito Santo regenerou o espírito do homem, e nesse atua, mas somente se apossará soberanamente de todo o seu ser se esse homem fizer total entrega. Se resolver submeter-se incondicionalmente ao propósito de Deus para o qual foi vivificado.²⁰

O batismo com o Espírito Santo é a coroação, a obra final do propósito da cruz. É toda a aplicação do Calvário feito pelo Espírito na lama pecadora e regenerada. O pecador, na justificação, é convencido e levado pelo Espírito a se livrar da condenação do pecado pela apropriação da justiça da cruz, é em seguida quebrantado no seu eu, e submete a natureza pecaminosa, o homem da carne, à morte e conhece da plenitude de Deus.²¹

A partir destas construções teológicas, para José Rego do Nascimento, o crente regenerado possui o Espírito em sua vida, mas o Espírito não age em sua vida enquanto não experimentar essa ação sobrenatural chamada de batismo com o Espírito Santo. De forma que isso impede a afirmação de que alguém é batizado com o Espírito Santo somente porque foi regenerado.

Enéas Tognini amplia a discussão de José Rego do Nascimento em seu livro *Batismo no Espírito Santo*. No capítulo dois do referido livro, Tognini apresenta algumas conclusões sobre

¹⁶ NASCIMENTO, José Rego. **Calvário e Pentecoste**: Estudos sobre o Espírito Santo. Belo Horizonte: Edições Renovação Espiritual, 1960, p.37

¹⁷ Ibid., p.36-39

¹⁸ Ibid., p.40

¹⁹ Ibid., p.47

²⁰ Ibid., p.48

²¹ Ibid., p.72

essa relação entre crente e Espírito Santo. Segundo ele, os crentes têm o Espírito Santo e não precisam pedir por ele, pois ele já habita nos crentes desde a conversão. Para reforçar a sua argumentação, Tognini estabelece dois tipos de crentes: os carnis e os espirituais. Ambos possuem o Espírito Santo, com a diferença de o Espírito Santo possuir os crentes espirituais e não possuir os crentes carnis. Tognini afirma: “O crente carnal não dá liberdade ao Espírito Santo que está em seu coração, para agir e orientar a sua vida, como o espiritual dá.”²² Com isso, Tognini traz ao debate uma diferenciação entre os crentes, através de tipos, que ele mesmo faz questão de explicá-los:

Não devemos confundir o homem natural descrito por Paulo em 1 Coríntios 2:14 com o crente carnal descrito em 1 Coríntios 3:1. O homem natural não é convertido, o crente carnal é. O homem natural é incrédulo, isto é, não crê em Cristo como seu Salvador; o crente carnal conhece a Cristo, já o recebeu como seu pessoal Salvador e confia nele. O homem natural não tem Cristo no coração, o crente carnal tem. O homem natural não possui o Espírito Santo, o crente carnal, apesar de suas fraquezas, tem o Espírito Santo, pois é crente em Cristo e como tal, tem o Espírito. O homem natural não nasceu do Espírito, só da carne; o crente carnal nasceu da carne e do Espírito, segundo a exigência de Jesus em João capítulo três. O homem natural não é regenerado, vive no pecado, ama o pecado e permanece no pecado; o crente carnal foi regenerado pelo Espírito Santo, anda às vezes no pecado, mas tem o desejo ardente de liberta-se dele.²³

A concepção de Tognini sobre o batismo com o Espírito Santo consiste em um apoderamento do Espírito Santo da vida do crente, controlando todas as suas ações e assim o preparando para o labor cristão. Assim como Rosalee Appleby, Tognini faz asseveradas condenações a comportamentos que classificou como mundanos e influenciados pelo pecado, os quais constituem o retrato de um crente carnal, remetendo a sua experiência de batismo com o Espírito Santo, quando lhe foram exigidas renúncias a fim de usufruir deste poder.²⁴

Ele conclui o capítulo dois de seu livro com a seguinte definição sobre Batismo com o Espírito Santo:

O batismo com o Espírito Santo ou a Plenitude do Espírito Santo se verificará sempre que o crente esvaziar-se do seu eu com todos os seus inumeráveis satélites e der lugar a Cristo no seu coração. Então o Espírito Santo que já está no seu coração o possuirá, e ele, logicamente será cheio do Espírito Santo, conforme lemos em Atos dos Apóstolos.²⁵

José Rego do Nascimento e Enéas Tognini são unânimes em afirmar que o Pentecostes se repete e esse é o evento que marca na vida do crente o batismo com o Espírito Santo. Rego do Nascimento responde no capítulo dois do livro *Calvário e Pentecoste* a pergunta: Pentecoste se Repete? Ele é afirmativo: sim, repete. Mas sobre essa repetição, ele explica:

Quando dizemos que Pentecoste se repete, não estamos nos referindo ao evento em si, ao fato histórico, estamos nos referindo à sua benção consequente: a posse e o revestimento de poder, a maravilhosa unção que o Espírito concede àqueles que possui. Essa se repete e vem se repetindo através dos anos. Milhares tem comprovado em sua vida a verdade da Escritura de que o Senhor Jesus não somente redime da condenação do pecado, mas ainda purifica e reveste com o poder do seu Santo Espírito, o glorioso batismo. A gloriosa benção nasceu em Pentecostes e vem se repetindo através dos anos.

²² TOGNINI, Enéas. **Batismo no Espírito Santo**. São Paulo: Edições Renovação Espiritual, 1960, p.48

²³ Ibid., p.81-86

²⁴ Idem.

²⁵ Ibid., loc.cit.

Enéas Tognini faz uma análise dos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos para subsidiar a sua afirmação de que Pentecostes se repete. E após isso afirma:

Fizemos questão de apontar essas escrituras de Atos sobre o Espírito Santo e descrevê-las, com o propósito de provar que os efeitos de Pentecostes não se limitaram àquele dia; pelo contrário, estenderam-se pelos anos a dentro, conduziram os discípulos na realização da grande obra de evangelização do mundo; guiando-os à toda verdade, corrigindo-os, auxiliando-os e dando-lhes forças para a luta, exatamente como ainda hoje faz àqueles que à sua liderança se submetem.²⁶

DONS ESPIRITUAIS

Para José Rego do Nascimento, o batismo com o Espírito Santo é condição para a concessão dos dons espirituais.²⁷ Na sua argumentação a evidência de que alguém recebeu o batismo com o Espírito Santo é a manifestação dos frutos do Espírito²⁸, posição também esposada por Eneás Tognini ao descrever as características do crente espiritual, aquele a quem o Espírito Santo dirige.²⁹

Rego do Nascimento considera que os dons são provisões sobrenaturais para que os crentes cumpram a missão dada pelo Senhor e os seus propósitos para a vida, edificação, fortalecimento da fé e íntima comunhão com Deus. Com isso, os dons tornam úteis os servos de Deus no mundo. As conclusões de José Rego do Nascimento são apresentadas em meio a sua análise do texto de 1 Coríntios 12 e outros semelhantes.³⁰ Em meio a elas, tece considerações sobre os dons de curar, operações de maravilhas e línguas.

Sobre o dom de curar, Rego do Nascimento estabelece algumas características: é um dom particular, dado pelo Espírito a determinados crentes, não é infalível devido a incredulidade e deve ser exercitado à medida que as Igrejas retornem ao padrão apostólico. Já as operações de maravilhas são atos fora do comum, segundo ele. Portanto, são curas que tomam formas dramáticas e inusitadas, tais como visão a cegos e recuperação de paralíticos.³¹

O DOM DE LÍNGUAS

Rego do Nascimento ocupa boa parte do seu livro em explicar as diversas questões e controvérsias a respeito desse assunto. Em uma análise sobre Atos 2 e I Coríntios 12 a 14, ele estabelece uma distinção entre as línguas faladas no dia de Pentecostes e as línguas faladas pelos crentes na Igreja de Corinto:

As línguas faladas em Pentecostes eram da terra, humanas e entendidas pelos naturais sem necessidade de interpretes; as línguas faladas em Corinto, ou dom do Espírito, eram sobrenaturais, celestiais, necessitando de um outro dom sobrenatural – o de interpretação – a fim de tornar inteligíveis os pensamentos. No primeiro exemplo, em Pentecostes, temos o Espírito usando aqueles homens no propósito do serviço junto aos perdidos; no segundo exemplo, em Corinto, temos o Espírito concedendo um dom visando primariamente a edificação do agraciado.³²

Para Rego do Nascimento, as línguas faladas em Pentecostes foram idiomas entendidos por seus falantes originais reunidos em Jerusalém, um fato esporádico e sem outras ocorrências

²⁶ TOGNINI, Enéas. Op.cit., 1960, p.41

²⁷ NASCIMENTO, José Rego. op.cit., p.85

²⁸ Ibid., p.81

²⁹ TOGNINI, Enéas. Op.cit., p.88-105

³⁰ NASCIMENTO, José Rego. Op.cit., p.85-87

³¹ Ibid., p.96-97

³² NASCIMENTO, José Rego. Op.cit, 1960, p.101

no registro bíblico. Já o dom manifestado na Igreja de Corinto é um fenômeno que se repete todas as vezes que o crente entra em comunhão íntima com a Trindade.³³ O autor então estabelece: “o dom de línguas é um dom permanente. Uma vez recebido, o agraciado o exercitará enquanto andar no Espírito, pois os dons do Senhor são irrevogáveis.”³⁴ Quanto ao seu uso, o autor estabelece que o seu valor é de edificação pessoal e por isso seu uso na congregação só deve acontecer se estiver acompanhado de interpretação, assumindo assim o caráter de profecia.³⁵

O autor considera que a premissa do Movimento Pentecostal, que entende o falar em línguas como a evidência obrigatória do batismo com o Espírito Santo, trouxe alguns problemas para o movimento. Para ele, isso faz com que haja uma confusão entre o batismo e o dom, fazendo com que a busca não seja pelo batismo com o Espírito Santo, mas sim pelo dom de línguas³⁶. E quanto a isso, o autor alerta sobre um perigo:

Ora, acontece que o dom de línguas é um dos mais fáceis de ser adulterado, o que tem resultado em graves e funestos enganos para muitas almas. Algumas pessoas, na ânsia de receberem o batismo, criam, inconscientemente, uma enunciação desordenada de sons e a si mesmos convencem de que receberam o dom. Outras, no interesse secundário de galgarem posições na Igreja, reservadas somente aos batizados com o Espírito Santo, são levadas ao pecado de forjarem elas mesmas uma língua, caindo no grave pecado da hipocrisia.³⁷

Rego do Nascimento estabelece uma diferença entre a teologia do movimento pentecostal e a Renovação Espiritual. Para ele, os dons, a unção e os frutos do Espírito são consequências do batismo com o Espírito Santo, e que tais manifestações podem ocorrer de modo imediato ou posterior a experiência do batismo. A evidência obrigatória do batismo com o Espírito Santo, de acordo com a mensagem teológica da Renovação Espiritual, é manifestada em uma vida santificada e poder do Espírito no serviço. A experiência libertadora do batismo com o Espírito Santo não se baseia na manifestação exterior de dons, mas no revestimento de poder na vida interior dos crentes, que poderá se manifestar através de dons. Desta maneira, para a Renovação Espiritual o dom de línguas é uma evidência do batismo com o Espírito Santo, mas não é obrigatória e exclusiva, como afirmam os pentecostais.³⁸

A RENOVAÇÃO ESPIRITUAL PELOS SEUS FUNDADORES

Depois de conhecer o ambiente vital e os pressupostos teológicos da Renovação Espiritual, como os fundadores enxergaram o movimento? De que maneira Enéas Tognini e José Rego do Nascimento compreenderam a tarefa do Movimento da Renovação Espiritual no cenário da religiosidade protestante brasileira? Para isso, recorre-se a duas citações destes líderes.

A primeira citação é de José Rego do Nascimento, publicada no livreto Renovação Espiritual, que reúne algumas de suas mensagens e estudos sobre o movimento. No artigo intitulado “O Avivamento nas Denominações Históricas”, datado da década de 1970, José Rego traça um panorama no que chamou de “experiência pentecostal nas denominações históricas”, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Na sua conclusão, ele ressaltou a cisão batista e vislumbra os resultados que o movimento da Renovação Espiritual produzirá, então proclama:

³³ Ibid., loc.cit.

³⁴ Ibid., p.102

³⁵ Ibid., loc.cit.

³⁶ Ibid., loc.cit

³⁷ Ibid., p.105

³⁸ Ibid., p.109-110

Por certo, com o fermento da benção mais e mais penetrando os corpos denominacionais, a solução de expurgo vai-se tornando problemática. Ninguém precisará deixar de lado as suas tradições: batista, metodista, presbiteriana, etc... para usufruir do alto privilégio do Espírito Santo. Se sua igreja batista não o aceita, há outra igreja onde a liberdade do Espírito não é cerceada. E o futuro nos mostra, que antes que o Senhor volte à terra, todas as denominações evangélicas estarão na liberdade do Espírito. E as igrejas que forem resistindo, resta-lhes irem-se ressecando e confinando, enquanto o corpo genuíno da Igreja do Senhor vai-se ampliando e congregando todos os salvos, cheios do Espírito Santo, crescendo corpo santo do Senhor, espiritual antes que denominacional, ainda que com muitos nomes, mas com um só Espírito.³⁹

A segunda citação é de Enéas Tognini, extraída da conclusão do livro *História dos Batistas Nacionais*. Nesta conclusão, que é um artigo do ano 1975 publicado no jornal *O Batista Nacional*, após enumerar as respostas para a questão: “O que não é a Renovação Espiritual?”, ele responde de forma enfática a questão: “Mas, o que vem a ser, então, a Renovação Espiritual?”.

Renovação Espiritual é um movimento sem cor denominacional, sem interferências nas denominações ou nas Igrejas, e que visa o retorno das igrejas às fontes originais do poder do Espírito como se acha no Novo Testamento, e de suprema fidelidade a Palavra de Deus. É pureza de vida, de santidade, é amor aos irmãos, é paixão pelas almas, é conquista de almas, é trabalho, é oração. É trazer para o seio das igrejas chamadas históricas, o poder do Espírito, como está em Atos dos Apóstolos, de acordo com a estrutura dessa Igreja, dentro da decência e da ordem. É o empenho por avivamento, isso é, o fogo do Espírito do céu incendiando igrejas e pastores, chamando-os a responsabilidade e a abandonar o pecado e levando-os a colocar suas vidas sobre o altar do Senhor incondicionalmente; levando-os também a chorar pelas almas perdidas, ganhando-as para Jesus. Renovação Espiritual é a voz dos céus contra o mundanismo invasor, contra o comunismo real ou disfarçado, contra o materialismo praticado; às vezes, de Bíblia aberta, e contra o falso ecumenismo sem qualquer apoio na Palavra de Deus.⁴⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário do protestantismo brasileiro nas décadas de 1950 e 1960 foi propício para o surgimento do movimento Renovação Espiritual devido à eclosão da segunda geração do movimento pentecostal. Percebe-se que o movimento renovacionista surgiu sob forte influência do movimento pentecostal no Brasil, a princípio não como movimento denominacional, mas sim intra-denominacional, de contestação da ordem vigente. A força motriz desse movimento foi a teologia carismática, com ênfase na experiência mística dos crentes com o Espírito Santo e a profusão de dons. Além disso, a Renovação Espiritual possui fortes influências do fundamentalismo evangélico, principalmente no que tange a sua relação social, ao professar que conversão dos indivíduos é a solução para o mal social.

Apesar de estar cronologicamente situada no mesmo período da segunda onda de implantação pentecostal, as ênfases teológicas da Renovação Espiritual são uma junção tanto desta segunda quanto da primeira onda. Isso ficou evidente com a análise das obras de José Rego do Nascimento e Enéas Tognini, que dissertam sobre o dom de línguas, curas e prodígios, como algumas das evidências desta experiência do batismo com o Espírito Santo.

³⁹ NASCIMENTO, José Rego do. **Renovação Espiritual**. Belo Horizonte: Livraria Editora Renovação, 1992, p. 98-99

⁴⁰ TOGNINI, Enéas. **História dos Batistas Nacionais**. 2. ed. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993, p. 143-144.

REFERÊNCIAS

APPLEBY, Rosalee M. **O Preço do Poder**. São Paulo: Renovação Espiritual, 1964.

ARAUJO, Henrique Ribeiro de. **História da Teologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Teologia Contemporânea Editora, 2016.

ARAÚJO, Isael de (Org.). **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Loyola: São Paulo, 2012.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NASCIMENTO, José Rego do. **Renovação Espiritual**. Belo Horizonte: Livraria Editora Renovação, 1992.

NASCIMENTO, José Rego. **Calvário e Pentecoste: Estudos sobre o Espírito Santo**. Belo Horizonte: Edições Renovação Espiritual, 1960.

TOGNINI, Enéas. **Batismo no Espírito Santo**. São Paulo: Renovação Espiritual, 1960.

TOGNINI, Enéas. **História dos Batistas Nacionais**. 2. ed. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993.